

A indústria corticeira em Santa Maria da Feira. Potencialidades e fragilidades

Sandra Custódio

Licenciada em Geografia

Introdução

A cortiça é um material de que são conhecidas as aplicações desde a antiguidade, sobretudo como artefacto flutuante e como vedante, cujo mercado, a partir do início do século XX, teve uma enorme expansão, especialmente devido ao desenvolvimento dos aglomerados diversos de que constituem a base.

No nosso país, os sobreiros encontram-se disseminados por todo o território nacional, mas com predominância ao sul do Tejo.

No que respeita à transformação e utilização da cortiça, verifica-se que a cortiça amadia é utilizada essencialmente no fabrico de rolhas de cortiça natural, principal produto da indústria corticeira, embora nos últimos anos tenha aumentado a diversificação dos produtos derivados de cortiça. No entanto, a rolha de cortiça natural é ainda o principal produto e o que mais pesa na exportação e, deste modo, um pilar para o sector corticeiro.

O sector corticeiro assume uma posição de relevo no contexto da economia nacional, nomeadamente pelo nível das exportações, pelo volume de emprego associado, directo e indirecto, e pelo papel determinante no funcionamento económico de algumas zonas específicas. No nosso país, a cortiça garante cerca de 15.000 postos directos de trabalho no sector fabril e cerca de 6500 na sua extracção e manuseamento, havendo à volta de 1100 estabelecimentos fabris. Dados recentes indicam que Portugal é responsável por 54% da produção mundial de cortiça. Uma grande parte destes estabelecimentos fabris está situada no concelho de Santa Maria da Feira, que conta com cerca de 606 estabelecimentos e emprega cerca de 10.500 dos 15.000 postos de trabalho directos na indústria corticeira.

1. O Sector Corticeiro

1.1. A indústria da cortiça em Portugal

A Indústria corticeira é uma actividade que há muito está presente no nosso país. Actualmente, Portugal é o maior produtor mundial de cortiça sendo

responsável por cerca de 54% da sua produção mundial. Podemos assim perceber a importância que a indústria transformadora corticeira tem no contexto internacional e, naturalmente, no contexto nacional.

A utilização industrial da cortiça iniciou-se com o fabrico de rolhas, que continua ainda a ser o principal produto fabricado pela indústria corticeira.

Nesta indústria distinguem-se quatro ramos de actividade: a indústria preparadora de cortiça; a indústria transformadora; a indústria granuladora e a indústria de aglomerados. Acresce ainda dizer que muitas unidades são mistas, ou seja, exercem simultaneamente dois ou mais tipos de actividades dentro da indústria corticeira, situação que se evidencia especialmente nas unidades transformadoras, que exercem também a actividade preparadora, e nas aglomeradoras que integram quase toda a actividade granuladora.

A indústria de cortiça em Portugal caracterizou-se desde há décadas por aspectos amplamente reconhecidos e analisados, de que se salientam os seguintes: localização da indústria transformadora longe da produção da matéria-prima; separação da actividade industrial em subsectores mais ou menos individualizados, com um número muito elevado de pequenas unidades empresariais e fabris, principalmente preparadoras e rolheiras, utilizando processos de baixa tecnologia e em condições ambientais e de segurança laboral deficientes; um número reduzido de produtos, principalmente em relação às rolhas de cortiça natural, que são o pilar de toda a indústria.

Em 2001, laboravam na indústria corticeira 1100 estabelecimentos. Destes estabelecimentos, temos 50 unidades fabris na indústria preparadora, 1020 na indústria transformadora. A indústria granuladora e aglomeradora no seu conjunto possuíam 30 unidades fabris. Estas unidades fabris localizam-se essencialmente no distrito de Aveiro, concentrando-se neste 895 das 1100 existentes em todo o país.

É necessário salientar o peso económico, financeiro e social do sector corticeiro para a vida do distrito de Aveiro, um dos mais industrializados do país, e de forma muito particular, para o concelho de Santa Maria da Feira, pólo dinamizador do sector em Portugal e no Mundo.

1.2. Produção mundial de cortiça

Pode-se considerar que a produção mundial de cortiça tem permanecido com alguma estabilidade ao longo dos anos.

A indústria corticeira portuguesa tem sofrido uma evolução gradual ao longo dos anos, constituindo actualmente um elemento-chave do sector produtivo português.

Portugal é o maior produtor mundial de cortiça, e esta contribui em 3% para o PIB nacional. Henrique Martins, Presidente da APCOR (Associação Portuguesa de Cortiça), afirma que "os industriais corticeiros portugueses têm-se esforçado para acompanhar o desenvolvimento e a modernização constante - não há nenhum sector que tenha evoluído, nos últimos anos, tanto quanto nós".

Quase 90% da cortiça produzida em Portugal é exportada, sobretudo para a Alemanha, França e Estados Unidos da América. A cortiça é o único sector de actividade em que Portugal consegue ser líder, encontrando a sua rentabilidade no mercado externo. Este sector tem fortes capacidades de crescimento devido à sua variedade de produtos.

A indústria corticeira portuguesa possui, ainda, a liderança mundial do sector a nível da produção e transformação de cortiça, assim como mão-de-obra qualificada e tecnologia de ponta - sendo Portugal o responsável pelas inovações e novos processos na indústria de cortiça mundial - e assegura ainda a sua presença com filiais ou mesmo empresas nos cinco continentes, de modo a estabelecer um contacto mais directo com os seus clientes.

É, pois, um sector inovador e activo, capaz de contribuir para a construção de uma imagem positiva de Portugal, contrariando a ideia de que ainda estamos presos ao passado.

Será possível, deste modo, demonstrar que Portugal, é um país empresarialmente dinâmico e activo que mantém a história e tradição associados à inovação e ao desenvolvimento. Com a criação da marca cortiça como uma marca portuguesa estaremos a contribuir para o crescimento de uma indústria fundamental para o país e principalmente para o concelho de Santa Maria da Feira, e para a construção de uma imagem nacional mais actual e real da indústria portuguesa no seu todo.

O produto corticeiro por excelência é a rolha, pois, as suas características permitem a melhoria das qualidades dos vinhos e funcionam como vedante eficaz (isolamento térmico, acústico e vibrático), possuindo uma elevada flutuabilidade e elasticidade, além de ser uma matéria-prima cem por cento amiga do ambiente.

Daí que as suas possibilidades ultrapassem a produção de rolhas e se estendam a uma vasta gama de aplicações, desde utilizações industriais (construção de pontes, indústria automóvel, juntas de dilatação), até revestimentos de interiores (tectos, paredes).

Com o impulso mais recente dado a esta indústria, a cortiça passou também a ser adoptada como componente de objectos decorativos, vestuário e calçado. Apesar da cortiça ser utilizada, na maioria, como vedante para garrafas de vinho (53% correspondentes a 471 milhões de euros), a produção de aglomerados tende a aumentar, uma vez que os pavimentos e isolamentos de edifícios têm tido maior procura (37%, correspondentes a 330 milhões de euros).

Portugal é o maior produtor mundial de cortiça e no ano de 2001 exportou quase mil milhões de euros. Estes valores consolidam Portugal como o maior produtor, transformador e exportador de cortiça mundial. O nosso país alberga 30% da área mundial de sobreiro, árvore que se dá tão bem nas planícies alentejanas quanto mal noutras regiões do globo. Apesar disto ainda nos debatemos com o problema de escassez de matéria-prima de origem nacional, facto que desencadeia a necessidade de importar cortiça de qualidade para poder responder às exigências do cliente final. O principal país fornecedor de cortiça natural é a nossa vizinha Espanha.

2. Origem da indústria corticeira no norte do país

Tudo o que se sabe relativamente ao início da industrialização da cortiça no norte do país, perde-se nas mais díspares versões, sobretudo a partir dos anos anteriores a 1900, não se sabe ao certo como é que ela cá chegou. Todavia, tudo leva a crer que os pequenos rolheiros se desenvolveram na zona ribeirinha do Porto. O surgimento, e posterior desenvolvimento, da indústria corticeira, mais especificamente da rolheira, está ligada à comercialização do vinho do Porto. Com efeito, o desenvolvimento da comercialização deste exigiu uma resposta da indústria de rolhas, arrastando-a para perto de si, ou seja, para Vila Nova de Gaia. As fábricas situavam-se próximo do rio Douro. Aqui temos presente a teoria dos factores de localização industrial de Max Weber.

As cheias do Douro inundavam-nas sucessivamente causando prejuízos consideráveis. A indústria reconheceu a necessidade de alterar a sua localização e afastou-se para uma área a 15/20 Km ao sul da margem do Douro, fora do alcance das cheias e de onde era natural grande parte dos trabalhadores do

sector, o que significa que a indústria da cortiça veio para o concelho em busca da mão-de-obra em quantidade e em qualidade. Os primeiros fabricantes eram lavradores relativamente abastados, que trabalhavam a cortiça segundo processos artesanais e utilizavam como mão-de-obra os seus empregados agrícolas.

Uma descrição de 1874, já dava conta de Santa Maria da Feira como uma bonita, rica e fértil terra, tendo já grande comércio com o Porto.

As primeiras oficinas manuais abriram no tempo do Marquês de Pombal, e pouco depois já havia a exportação. A mecanização chegou nos anos 20. Já então a cortiça era importante na economia nacional, mas o crescimento meteórico viria mais tarde. Das 16 mil toneladas extraídas em 1917 saltou-se para as 41 mil, em 1921 e para as 90 mil, em 1934. A rolha é como que um símbolo da indústria corticeira. Mas o aproveitamento deste produto natural tem tendência a variar e a impor-se em áreas como a construção, a decoração, a indústria automóvel, pesca e calçado.

Criada no Alentejo e Algarve, a cortiça dificilmente teria o seu actual incremento em virtude da grande distância que separava a sua origem da sua utilidade, se não fosse o dom destas gentes de Santa Maria da Feira em procurar modos de vida dentro do seu espírito de iniciativa.

Actualmente, as rolhas produzidas em Santa Maria da Feira vedam os melhores vinhos de todo o mundo, nomeadamente de França, Alemanha, Estados Unidos, Austrália, Itália, entre outros, onde se inclui, logicamente, Portugal e as suas diversas regiões vinícolas. É lógico e normal o constante crescimento na utilização da rolha de cortiça, pois é o único produto vedante natural que assegura todas as características e qualidades dum bom vinho.

A produção de cortiça constitui, desde há muito, uma actividade económica relevante para o concelho de Santa Maria da Feira, com importância crescente desde a segunda metade do século XIX, e correspondendo a um dos mais importantes produtos singulares de exportação nacional.

A transformação industrial de cortiça desenvolveu-se mais lentamente, adquirindo importância no norte do país principalmente a partir dos anos sessenta do século XX, quando se desenvolveu de modo determinante a capacidade transformadora local, que levou o país a exportar principalmente produtos acabados em detrimento das exportações de matéria-prima e produtos semi-manufacturados.

De facto, até 1960, as matérias-primas representavam mais de 75% do volume total de materiais de cortiça exportados, reduzindo progressivamente o seu peso para cerca de 50% em 1965. A importância da cortiça na economia do norte do país tem tido um

reconhecimento recente, a nível do discurso estratégico sectorial e regional, acompanhado por algumas medidas de apoio ao desenvolvimento e modernização.

3. Importância do sector da cortiça no Concelho de Santa Maria da Feira

No concelho de Santa Maria da Feira, a indústria corticeira concentra-se na sua quase totalidade nas freguesias de Lourosa, Moselos, Paços de Brandão e Santa Maria de Lamas, a que se chamou zona central e, ainda, pelas freguesias de Argoncilhe, Fiães, Nogueira de Regedoura, Oleiros, Rio Meão, São João de Ver, a que se chamou zona periférica. De facto, a indústria corticeira constituiu-se como uma monoactividade das freguesias acima referidas e como o principal sector de actividade no concelho, logo seguido pela indústria do calçado que se concentra nas freguesias de Arrifana, Escapães, Feira e Poiares. De facto, a indústria de cortiça tem uma grande importância no concelho de Santa Maria da Feira. Representa 66% da indústria corticeira a nível nacional. Das 1100 fábricas do ramo existentes em território nacional, 606 encontram-se no concelho de Santa Maria da Feira. Neste concelho a indústria corticeira emprega 10.500 operários repartidos da seguinte forma por sexo:

Quadro I
Pessoal ao serviço

Homens	5.300
Mulheres	5.200
Total	10.500

Fonte: APCOR 2001

Nota-se que o sector possui um grande equilíbrio no emprego, tanto no sexo feminino como no sexo masculino, sendo a diferença apenas de 100 postos de trabalho.

Destes 10.500 postos de trabalho directo, dependem sensivelmente 50.000 pessoas dos 130.000 habitantes do concelho de Santa Maria da Feira.

Santa Maria da Feira é o maior centro corticeiro do mundo, onde são produzidas, diariamente, cerca de 35 milhões de rolhas de cortiça, natural, aglomerada e técnica. Deve-se salientar também o facto da rolha de cortiça natural ser o alicerce de toda a indústria. Na fabricação de rolhas de cortiça o centro corticeiro de Santa Maria da Feira representa 90% da produção nacional de rolhas de cortiça. A indústria granuladora e aglomeradora de cortiça têm também uma forte implantação neste concelho. Há vários anos existia

exclusivamente no centro e sul do país, mercê do condicionamento industrial então existente.

A indústria da cortiça tem uma grande importância no concelho de Santa Maria da Feira, pois 50% da economia deste concelho depende da cortiça, o que nos leva a concluir que esta é a actividade mais importante do concelho, ficando a outra metade dependente das outras actividades económicas existentes no concelho. Possui uma tecnologia qualificada e de origem nacional. Tem ao seu serviço um Centro de Formação Profissional da Cortiça CINCORK que se localiza em Rio Meão, um Centro Tecnológico CTCOR, em Santa Maria de Lamas - Unidade Norte (sede) e Unidade Sul e ainda a Associação Portuguesa de Cortiça APCOR que se localiza também em Santa Maria de Lamas.

4. Análise da indústria corticeira no Concelho de Santa Maria da Feira através do recurso a inquéritos realizados a empresas

Este capítulo tem como suporte 22 inquéritos que a Autora realizou junto das indústrias deste sector no concelho de Santa Maria da Feira. A realização dos inquéritos foi parcela muito importante deste trabalho, pois não só recolheu as respostas ao questionário (Anexo 1) que realizou, mas também vinte e dois testemunhos de pessoas que conhecem muito do sector e que estão a par dos problemas, das potencialidades, das carências, das necessidades, dos rumos que o sector enfrenta. Teve também a oportunidade de visitar algumas delas e, assim, tomar conhecimento de todo o processo de fabrico, desde a selecção da cortiça até à contagem e consequente armazenamento da rolha para venda, da qualidade do produto e da mão-de-obra utilizada.

As empresas inquiridas estavam localizadas nas freguesias de Santa Maria de Lamas, Moselos, Fiães, São João de Vêr, Lourosa e Paços de Brandão.

4.1. Caracterização da empresa

Assim, ao analisar a Figura 1, pode concluir-se que, das 22 empresas inquiridas, somente uma delas foi criada antes de 1960, tendo sido fundada em 1958. Esta já fez um grande percurso desde que foi criada até aos nossos dias, de tal forma, tem vindo a evoluir e a adaptar-se às novas exigências do mercado, tendo mesmo em 1982 uma nova forma de gestão. Outra foi criada na década de 60. Na década de 70 foram criadas mais 3 empresas. Os anos 80 foram os anos em que surgiram mais empresas, ou seja, 19 empresas. Nos anos 90 foram também criadas 7 empresas. Posterior-

mente, em 2000, foi criada somente uma única empresa.¹

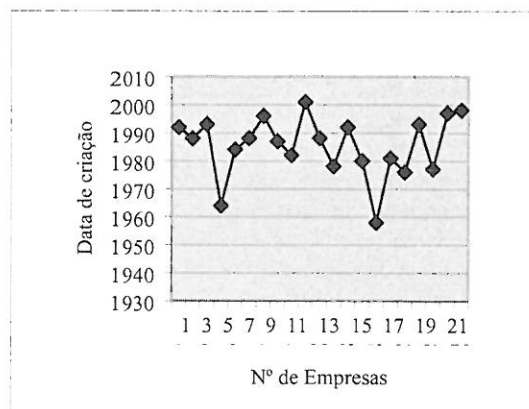


Figura 1

Data de criação das empresas inquiridas

Fonte: Inquéritos Realizados

Quando se perguntou às empresas qual a superfície total ocupada e, após o cálculo da média para as 22 empresas, depreendeu-se, que a superfície total ocupada era em média de 6802 m² por empresa.

Na última pergunta deste primeiro grupo perguntou-se a cada inquirido se a sua empresa fazia parte de uma empresa com vários estabelecimentos. Apenas três responderam afirmativamente, duas eram elas próprias a sede da empresa e a outra tinha a sede em Santa Maria de Lamas. De entre estas três, somente duas tinham filiais no estrangeiro, em países como a França, Itália, Espanha, Holanda, África do Sul, Chile, EUA, Brasil e Austrália. Daqui se depreende que o sector corticeiro português tenta ganhar terreno e competitividade por todo o Mundo.

4.2. Actividades

Quando se questionou as empresas sobre qual a técnica que utilizavam no seu processo de fabrico, se era tradicional ou moderna, 12 empresas responderam que utilizavam uma técnica de produção moderna, 7 responderam que utilizavam ainda uma técnica de produção tradicional e apenas 3 empresas responderam que utilizavam as duas técnicas em simultâneo (Figura 2).

Um exemplo, foi o caso de uma pessoa inquirida que disse que a brocagem era feita com uma técnica tradicional, mas no restante processo utilizavam uma técnica moderna. As que responderam que utilizavam exclusivamente a técnica tradicional, faziam-no para

¹ Uma empresa não respondeu

preservar a tradição. As empresas que utilizam uma técnica de fabrico moderna estão à partida mais preparadas para prevalecer no futuro. Mas isto pode induzir em erro, visto que uma das empresas que respondeu usar uma técnica exclusivamente tradicional encontra-se muito bem no mercado e, além disso, era uma das maiores empresas inquiridas.

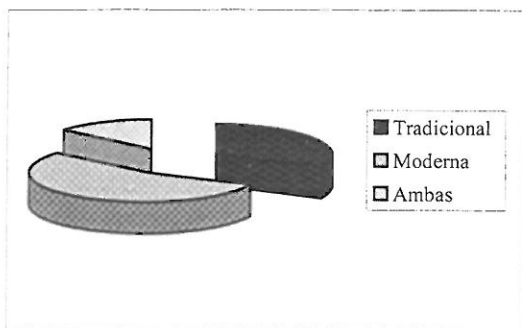


Figura 2
Técnica utilizada no processo de fabrico
Fonte: Inquéritos Realizados

Num segundo ponto, perguntou-se às empresas, se o seu estabelecimento tem sido alvo de remodelação técnica. Somente 5 empresas responderam que não, e 17 responderam que sim. Das 17 empresas que afirmaram terem feito remodelação técnica no seu estabelecimento, algumas responderam que o faziam sucessivamente, anualmente, outras que o faziam ao longo dos anos conforme sentiam necessidade, apenas 3 afirmaram ter feito a última remodelação já há alguns anos, 2 em 1995 e uma em 1996. As restantes têm tido uma remodelação mais constante.

Quanto ao motivo pelo qual elas têm efectuado a remodelação técnica, era essencialmente para acompanhar a evolução da tecnologia e as exigências do mercado; em segundo lugar, foi pelo aumento da produção com o mesmo número de empregados e maior qualidade do produto. Curioso foi o facto de só uma empresa ter respondido que, para além das razões acima referidas, efectuou a remodelação também para melhorar as condições de higiene, pois o antigo local não oferecia condições.

Numa outra questão, perguntou-se às empresas se havia algum carácter sazonal da produção, ao que 14 responderam que não e 8 deram uma resposta afirmativa. As empresas que deram uma resposta negativa, dizem que produzem sempre a mesma quantidade e se em alguma altura do ano se vender menos fica em stock para as alturas do ano em que a procura é maior. Também referiram que não havia carácter sazonal na produção porque como exportavam para

tudo o mundo a procura desta mercadoria fazia-se sentir durante todo o ano. As 8 respostas afirmativas apontam então como época morta, o período compreendido entre Agosto e Dezembro, sendo este último o mês mais referido. Houve mesmo um empresário que referiu que a produção depende da conjuntura económica. Como período de ponta foram referidos os meses de Março a Maio.

Num último ponto deste grupo de questões, inquiriu-se as empresas se tinham perspectivas de aumento de produção. Das 22 empresas inquiridas, 13 responderam que não e 9 responderam que sim. As empresas que responderam que não tinham perspectivas de aumento da produção, deram esta resposta devido à actual situação de conjuntura do mercado, referindo mesmo que se a situação do mercado estivesse mais favorável gostavam de aumentar a sua produção. Das 9 que responderam afirmativamente, somente 3 disseram qual seria a percentagem pretendida, sendo os valores referidos de 5%, 10% e 20%. As restantes referiram que tinham perspectivas de aumento da produção mas não souberam especificar qual a percentagem pretendida.

4.3. Fornecimento das matérias-primas, energia e produção de resíduos

Neste terceiro bloco de perguntas, as empresas foram questionadas sobre quais eram as principais matérias-primas recebidas, o tipo de energia utilizada e se havia problemas de poluição.

Quanto às principais matérias-primas recebidas, todas as empresas inquiridas referiram a cortiça como principal matéria-prima recebida. No que concerne à origem geográfica das matérias-primas, 14 empresas responderam que toda a cortiça recebida era de origem nacional, vinda do Alentejo (Figura 3). Uma das empresas inquiridas não respondeu porque trabalha por subcontratação e, portanto, as matérias recebidas vêm da empresa para quem trabalham. As restantes 7 empresas recebem matéria-prima quer de origem nacional quer do estrangeiro sendo então o principal país referido a Espanha. Não nos esqueçamos que este país é o segundo maior produtor de cortiça a nível mundial (Portugal é o primeiro).

Num segundo ponto deste bloco de perguntas, questionou-se as empresas quanto ao tipo de energia utilizada na produção, 18 empresas responderam exclusivamente a electricidade como o tipo de energia utilizado, 3 a electricidade e o gás e apenas uma respondeu a electricidade e a lenha. Quanto às fontes de energia, 17 empresas responderam que a energia utilizada era da rede pública, 3 responderam que o gás utilizado era de rede privada e a electricidade da rede

pública. Apenas 2 empresas responderam que a totalidade da energia utilizada era de fonte privada.

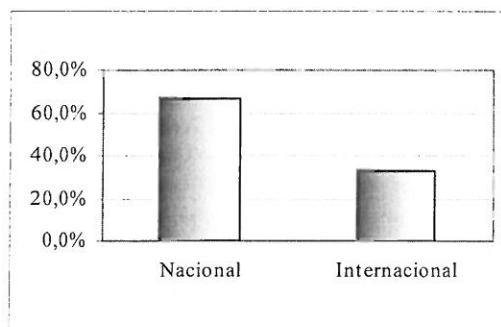


Figura 3
Origem das matérias-primas recebidas
Fonte: Inquéritos Realizados

Do inquérito realizado às empresas relativamente aos problemas de poluição, 18 empresas afirmaram não ter problemas, apenas 4 responderam que sim. Esses problemas estão basicamente relacionados com a água da cozedura da cortiça, águas da caldeira, e problemas relacionados com o pó. Duas empresas afirmaram mesmo que têm prevista a construção de uma ETAR para o tratamento específico das águas. No que se relaciona com o problema do pó gerado, este é juntado em sacos específicos para o efeito, onde é aspirado para a "casa do pó" com a renovação dos sacos. Quando se questionou as empresas se tinham conhecimento da política ambiental vigente², apenas 3 responderam que não. As restantes deram uma resposta positiva. No que se prende com o preenchimento do mapa de resíduos, somente 10 empresas preenchem o mapa, o que representa 45% das empresas inquiridas.

A razão que apresentaram para não preencherem o mapa foi que os resíduos produzidos, como o pó e os aglomerados, são depois aproveitados para outros produtos como os pavimentos térmicos, ou rolhas de aglomerado de cortiça. O sector da cortiça é um sector que não produz muitos resíduos, porque todos os "resíduos" produzidos são aproveitados para o fabrico de outros produtos. Por exemplo, os desperdícios das rolhas e dos artigos decorativos, são utilizados na indústria granuladora, nos produtos de aglomerado negro e de aglomerado branco. O pó produzido é depois aproveitado como combustível para as caldeiras ou então é transformado em produtos químicos.

² 3 Empresas não responderam

4.4. Mercado

Quando questionadas sobre o destino geográfico dos seus produtos,³ apenas uma empresa respondeu que se destinava ao mercado regional, 8 responderam que produziam exclusivamente para o mercado nacional, enquanto 3 responderam que produziam exclusivamente para a exportação. As 8 restantes empresas responderam que produzem para o mercado nacional bem como para a exportação (Figura 4).

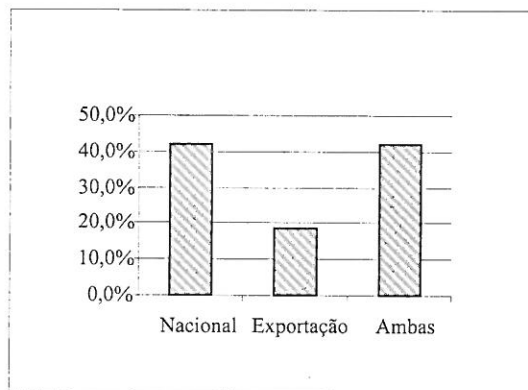


Figura 4
Destino geográfico das mercadorias
Fonte: Inquéritos Realizados

Os produtos vendidos por estas empresas são basicamente as rolhas de cortiça, pontualmente, temos também as aparas e os granulados. Os principais países referidos como destino da produção são a Espanha, a França, a Itália, os EUA e a Alemanha. Uma das empresas inquiridas não coloca a sua produção no mercado, pois produz exclusivamente para uma única empresa (subcontratação), isto acontece porque a empresa recebe as matérias-primas e os produtos sucedâneos, transformando-os em blocos de cortiça natural, ou seja, não compra nem vende produtos transformados. Estes blocos são depois transformados em rolhas técnicas, em componentes para calçado e em folhas de decoração pela empresa que os subcontratou.

Todas as empresas inquiridas que colocam a sua produção no mercado, quer nacional, quer internacional, fazem-no pela concorrência.

4.5. Os trabalhadores dos estabelecimentos

Como se pode observar na Figura 5 as empresas do sector da cortiça não utilizam muita mão-de-obra, pelo que se pode dizer que neste sector predominam

³ 2 Empresas não responderam

essencialmente as pequenas e médias empresas. Não encontramos nenhuma grande empresa se tivermos em linha de conta a classificação referente ao número de trabalhadores ao serviço. De todas as empresas inquiridas, aquela que tinha mais trabalhadores efectivos era a que contava com 276 trabalhadores ao serviço.

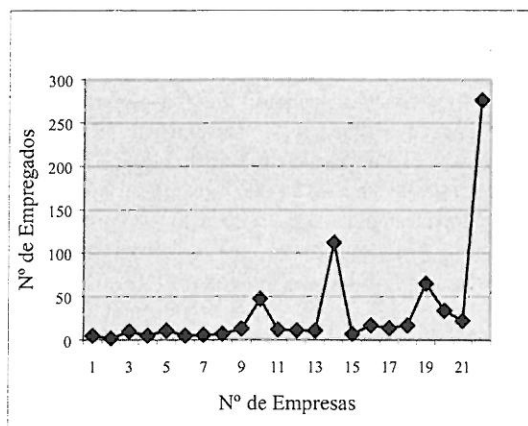


Figura 5

Número de trabalhadores ao serviço

Fonte: Inquéritos Realizados

No que se relaciona com a distribuição do emprego por sexos, esta é muito semelhante, como se pode observar na Figura 6. Do total das 22 empresas inquiridas, 48% do trabalho é efectuado por mulheres, enquanto 52% do mesmo recorre à mão-de-obra masculina. De um modo geral, o subsector da brocagem utiliza na sua grande maioria mão-de-obra masculina, enquanto o subsector da selecção da rolha de cortiça utiliza na sua totalidade mão-de-obra feminina. Isto porque a selecção da rolha necessita de mão-de-obra destinada a trabalhos mais minuciosos, enquanto que a brocagem não necessita deste tipo de qualidade. No que toca à categoria sócio-profissional desta mão-de-obra, são basicamente operários, alguns deles qualificados, enquanto outros foram adquirindo a especialização ao longo dos anos de trabalho no sector.

No que se prende com a formação profissional, 12 empresas responderam que os seus trabalhadores não a recebem, 4 empresas responderam que os seus trabalhadores recebem formação profissional dentro da empresa, ou seja, no local de trabalho. As restantes 6 empresas disseram que os seus trabalhadores recebem a formação profissional nos centros específicos (CINCORK).

Quando se perguntou aos inquiridos qual era a idade mínima exigida para ser admitido no estabelecimento, apesar de alguns terem respondido a idade do empregado mais novo, todos responderam que a idade mínima exigida era os dezasseis anos, pois é a

idade mínima obrigatória. Quanto à idade máxima dos operários do estabelecimento, as respostas foram variadas. Mas todos fizeram questão de realçar que admitiam empregados até aos 65 anos de idade, desde que tivessem capacidades para laborarem.

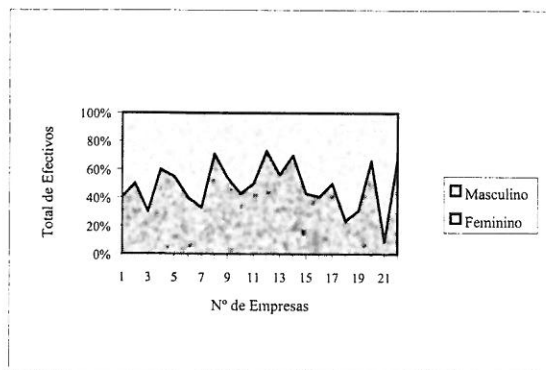


Figura 6

Comparação dos funcionários efectivos, por sexo

Fonte: Inquéritos Realizados

No último ponto deste grupo de questões, inquiriu-se as empresas sobre qual a origem geográfica da mão-de-obra, ao que todas responderam ser de origem local e regional.

4.6. O capital do estabelecimento

Neste sexto bloco de questões inquiriu-se as empresas sobre a proveniência do seu capital. Sete empresas responderam que o capital era próprio, outras 7 responderam que o capital próprio se encontrava dividido por quotas pelos sócios da empresa. Seis responderam que parte do capital era próprio, e o restante tinha como proveniência o crédito bancário. Uma outra empresa respondeu que o capital tinha como proveniência outras origens não especificadas, e por fim uma empresa não respondeu afirmando que esta informação era reservada.

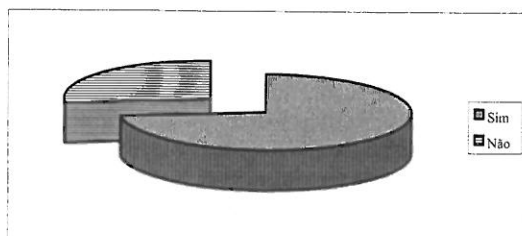


Figura 7

Descendentes de Industriais Corticeiros

Fonte: Inquéritos Realizados

Quando se perguntou às empresas se o dono é descendente de familiares industriais no sector da cortiça, 27% das empresas inquiridas, 6, responderam que não. As restantes 16 empresas, 73%, responderam que sim (Figura 7), que normalmente eram filhos e netos de industriais corticeiros.

4.7. Localização

Quando se perguntou aos empresários qual foi a razão da localização na altura da criação do estabelecimento, pediu-se que referissem quais os factores que influenciaram muito, os que foram razoavelmente importantes e quais os que não tiveram nenhuma importância nessa decisão. Como tal, cada empresa poderia assinalar mais do que uma razão para a localização do estabelecimento. Portanto, aqui vai-se ter um leque muito alargado de respostas⁴. Assim, os factores mais relevantes para a localização das empresas foram: a acessibilidade do sítio para o escoamento dos produtos acabados, o terreno disponível e o meio industrial, isto de acordo com as respostas de 12 empresas. De seguida, com 8 respostas como muito importantes para tal decisão temos: a possibilidade de recrutamento em função do mercado de trabalho, a qualificação profissional da mão-de-obra, assim como a acessibilidade do sítio para a chegada de matérias-primas, e os locais industriais vagos. Também com alguma importância tem-se a referência do factor tradição, pois este sector tem alguma importância e antiguidade neste concelho.

Facto relevante é que só uma empresa referiu como muito importante a ajuda do Estado na escolha da localização do estabelecimento. É curioso também o facto de nenhuma empresa inquirida ter referido algum tipo de ajuda ou iniciativas da autarquia. Pelo contrário, todas as empresas inquiridas responderam que a ajuda/iniciativa da autarquia não teve qualquer importância para a localização do estabelecimento, porque ela simplesmente não existiu.

Também se confrontou as empresas com o seguinte facto: se encontravam hoje inconvenientes no que respeita à superfície ou aos acessos. Catorze empresas responderam que não, 4 empresas responderam que encontravam inconvenientes no que respeita à superfície, sendo o principal motivo apontado a falta de espaço. Duas responderam que encontravam inconvenientes relativamente aos acessos, afirmando mesmo que a EN1 "está muito difícil", pois actualmente existe muito congestionamento no trânsito.

Alfredo Henriques, presidente da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira defende mesmo a cons-

trução de um "Eixo das Cortiças" que se transformaria numa Estrada Nacional e na primeira ligação ao futuro IC2. Esta seria uma estrada alternativa que iria facilitar o transporte das matérias-primas e o escoamento dos produtos acabados.

No que se prende com a mudança de localização, perguntou-se às empresas se esta seria favorável à actividade da empresa. Dezas seis empresas responderam que não, dizendo mesmo que tinham um bom posicionamento para adquirir matéria-prima e sobretudo para o transporte e escoamento do produto acabado. Cinco empresas responderam que a mudança seria favorável. Destas, 2 referiram que seria favorável a localização numa zona industrial. As restantes 3 referiram a necessidade de uma maior acessibilidade; aumento das instalações; de modo a ficarem próximo do "coração da cortiça", que se encontra a sul do concelho, enquanto que a indústria corticeira se encontra a norte do concelho.

4.8. Inovação

No oitavo grupo de questões perguntou-se às empresas se tinham previsto algum tipo de inovação relativamente ao produto produzido e também relativamente ao processo de fabricação. Questionou-se ainda se tinham algum projecto em cooperação com outras instituições como universidades, instituições de investigação ou centros tecnológicos.

No que se prende com a inovação, somente uma empresa respondeu que não tinha previsto nenhum tipo de inovação quer a nível do produto quer a nível do processo de fabricação. No que diz respeito à inovação a nível do produto, as empresas tinham três opções que poderiam assinalar (podiam dar mais do que uma resposta), assim, 3 empresas responderam que tinham previsto um novo produto dentro da mesma gama produzida, 2 previam um novo produto não produzido anteriormente e 17 que tinham previsto o melhoramento do produto existente.

Ao nível do processo de fabricação, as empresas também tinham três opções que poderiam assinalar (também podiam dar mais do que uma resposta). Deste modo, 14 empresas responderam que tinham previsto pequenos melhoramentos no processo de fabricação, 17 que tinham previsto a actualização de equipamentos dentro da gama existente e 9 uma modernização tecnológica com recurso a grandes investimentos⁵.

Em relação à pergunta se tinham algum projecto em cooperação com outras instituições, todas as empresas inquiridas responderam que não, o que não é

⁴ 1 Empresa não respondeu

⁵ 3 Empresas não responderam

nada favorável para o sector, pois se as empresas tivessem algum tipo de projecto em cooperação com instituições, quer públicas, quer privadas, poderia surgir algum produto novo que viesse tornar este sector ainda mais competitivo. Do mesmo modo, a nível do processo de fabricação, poderia surgir algum tipo de máquina com tecnologias mais avançadas que facilitassem todo o processo produtivo, pois a nossa economia corticeira, como a mais importante a nível mundial, era aquela que sairia mais beneficiada com essa inovação.

4.9 Perspectivas de futuro

Neste último ponto do inquérito, perguntou-se às empresas quais eram as perspectivas de futuro, pedindo que assinalassem duas das opções fornecidas no inquérito que tivessem previsto para os próximos doze meses. Também se perguntou quais os maiores desafios/problemas a enfrentar nos próximos doze meses.

No que diz respeito ao que as empresas tinham previsto para o futuro, as duas respostas mais assinaladas foram as opções de: adquirir máquinas e equipamentos, com 12 respostas; modificar/melhorar formas de gestão e modificar/melhorar/substituir produtos, com 8 respostas em ambas as opções. As opções menos referidas foram as de aumentar o número de empregados, pois disseram que na situação económica em que nos encontramos actualmente esta era uma hipótese muito difícil de alcançar. A outra resposta menos assinalada foi a que dizia respeito a investir/constituir departamentos de Investigação & Desenvolvimento (I&D), pois como se viu anteriormente, nenhuma empresa tinha projecto com instituições.

Os maiores desafios/problemas a enfrentar nos próximos 12 meses referidos pelos 22 empresários inquiridos foram, sem dúvida, a montante do processo produtivo, os elevados custos da matéria-prima, pois não existe uma política que defina o preço desta, sendo os produtores a definirem os preços da cortiça natural.

A jusante do processo produtivo, os dois factores que mais indicaram foi, sem dúvida, a actual recessão económica nacional e também a nível mundial, pois muitas destas empresas inquiridas trabalha com o mercado exportador, e a concorrência actual dos vedantes sintéticos, ou seja, os plásticos.

Facto que também se achou curioso foi o de um empresário ter respondido que o maior desafio a enfrentar era conseguir "suportar o aluguer do estabelecimento", pois o local era arrendado e o seu preço bastante elevado. Um empresário também referiu o

facto de conseguir alterar o seu mercado de escoamento dos produtos e entrar no mercado exportador, porque esta era uma das empresas que produzia exclusivamente para o mercado nacional. Também relevante é o facto de um empresário ter referido que o seu maior desafio era a continuação da empresa "manter-se de pé", ou seja, conseguir que a empresa não vá à falência. Outro problema que este empresário também referiu foi a falta de qualificação dos empresários e dos trabalhadores, que ainda têm uma mentalidade muito fechada e antiquada, pois não nos esqueçamos que uma grande parte destes empresários não possui grandes qualificações uma vez que eram simplesmente operários que posteriormente se estabeleceram.

5. O futuro do sector corticeiro

A maioria dos produtos oferecidos pelo sector atingiu um grau de maturidade elevado. No entanto, existem alguns trunfos que jogam a favor da indústria corticeira portuguesa. Em vários estudos realizados no ano de 2002, foram identificados alguns pontos fortes, que devem ser valorizados, mas também alguns pontos fracos que devem ser ultrapassados, para que este sector se desenvolva ainda mais, não perdendo a importância e o peso que representa na economia nacional.

5.1. Os pontos fortes do sector

Dos pontos fortes identificados pelos estudos realizados são de salientar os seguintes: Portugal é o primeiro produtor, transformador e exportador mundial de cortiça; é o país com maior área ocupada por montado de sobreiro. Outro ponto forte do sector é a sustentabilidade: a cortiça oferece a possibilidade de se produzir um vedante natural, renovável e ecológico. A tecnologia: a indústria portuguesa está a conseguir recuperar rapidamente de algum atraso, existindo algumas empresas bem equipadas tecnologicamente. É reutilizável: uma rolha pode voltar a ser utilizada para fechar a garrafa. E por fim, o último factor a favor da cortiça é a tradição nalguns países do uso da rolha: o som familiar e agradável que esta faz ao sair da garrafa, o chamado "plop", é parte da tradição ligada ao consumo de vinho.

5.2. Os pontos fracos do sector

Dos pontos fracos reconhecidos pelos estudos elaborados são de realçar os seguintes: as unidades industriais são, na sua maioria, de reduzidas dimen-

sões e recursos e ainda recorrem a uma mão-de-obra pouco qualificada. Outros pontos fracos do sector são: a investigação e desenvolvimento limitados quanto à apresentação de novos produtos; a política florestal desadequada ao sector e consequente sobre-exploração do montado de sobreiro; o facto de Portugal ser líder mundial no fornecimento de rolhas de cortiça mas, no entanto, o líder mundial na produção de vinhos é a França. Por fim, é de salientar a concorrência das matérias de substituição da cortiça, que estão a ganhar força, ou seja, a concorrência dos "plásticos".

Considerações Finais

O sector da transformação de cortiça continua a ser um sector de grandes ambivalências. Sem políticas formativas consistentes e estruturadas, pode vir a enfrentar, neste campo e num futuro próximo, dificuldades de adaptação às novas tecnologias. Este facto terá um grande impacto, devido ao peso do sector no tecido social local. Assim, deve merecer uma maior atenção dos empresários, e sobretudo do poder central e local, que deveriam incentivar e dar maior apoio a todas as indústrias que se encontrem a laborar e, também, incentivar a criação de mais algumas para tornar este sector ainda mais competitivo e dinâmico. Estes, devem também, de forma muito clara, incentivar a formação quer dos próprios empresários que necessitam de ter uma mente com horizontes mais alargados, quer também da formação dos operários que, de uma forma muito genérica, têm pouca formação, e criar condições aliciantes para os que se envolverem nesta aposta formativa. Outro aspecto importante seria a criação de uma política de definição do preço da matéria-prima cortiça, pois, sem esta política são os próprios produtores que definem o seu preço, podendo este oscilar de acordo com as "vontades dos produtores". Existem muitas pequenas empresas a trabalhar isoladamente, sem terem qualquer visão do sector como um todo. Para que estas empresas integrem um plano que envolva todo o sector, têm de se remodelar, têm de criar um espírito empresarial que seja inovador e que persiga muito mais do que o mero lucro e/ou a sobrevivência a curto prazo.

Algo que também parece ser relevante é o facto de este ser um sector que apresenta um dinamismo muito grande tanto a nível local, regional e nacional como também a nível internacional.

Numa época em que Portugal não se pode orgulhar de muitas glórias, devia privilegiar este sector, pois cabe a ele a honra de colocar o nome de Portugal em primeiro lugar a nível de produção, transformação e exportação nos mercados internacionais, não seja

Portugal o maior produtor transformador e também exportador de cortiça a nível mundial.

Bibliografia

Anuário Estatístico da Região Centro.

Anuário Estatístico da Região Norte.

BECATTINI, Giacomo (1992) - O distrito marshalliano: uma noção socioeconómica. pp. 20, 21, 22, 30 e 54.

BERNARDO, Hernâni de Barros - *A indústria corticeira em Portugal: algumas notas geográficas e económicas.* p. 185.

CAETANO, Lucília de Jesus (1986) - *A indústria no distrito de Aveiro, análise geográfica relativa ao eixo rodoviário principal (EN nº 1) entre a Malaposta e Albergaria-a-Nova.* Edição Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra, p. 11.

"Câmara propõe ao governo execução do Eixo das Cortiças", *Terras da Feira*, 17 de Junho de 2002.

"Cork Acção aumenta as Competências da indústria", *Diário Económico*, 18 de Fevereiro de 2003;

Estatísticas da Associação Portuguesa da Cortiça (APCOR).

Estatísticas da produção industrial 1999, ano de edição 2001.

Estatísticas das empresas 2000, ano de edição 2002.

Estatísticas do Comércio Internacional 2000, ano da edição 2002.

GAFARD, J. L. e ROMANI, P. M. (1990) - *A propos de la localisation des activités industrielles.* p. 175.

GIL, Luís (1998) - *Cortiça, Produção, Tecnologia e Aplicação.* Edição INETI, Lisboa;

GIL, Luís (2000) - *História da Cortiça.* Edição APCOR, Santa Maria de Lamas;

"Manual de Boas práticas ambientais e energéticas" (2000). In: *Indústria da Cortiça.* Setembro.

MARQUÊS, Ana Paula Pereira e EVARISTO, Isabel M. P. da Silva - *Motivações no trabalho do operário corticeiro, 1988/1989.* Concelho de Santa Maria da Feira.

MARSHALL, Alfred (1920) - *Principles of Economics.* 8ª Edição, Londres.

MIRA, José d'Almeida - *Origem da indústria rolheira no Norte do país.*

OLIVEIRA, Leonel - *A cortiça. Grupo Amorim*.

"Príncipe de Gales aliado das rolhas de cortiça ataca vedantes sintéticos", *Terras da Feira*, 19 de Junho de 2002;

RODRIGUES, Gaspar (1989) - *Perfil do Empresário corticeiro. Esboço de uma análise*. Setembro.

SANTOS, Carlos Oliveira (1996) - *O Livro da Cortiça*. pp. 43, 45 e 49.

SCHMIDT, Ana (1983) - *Cortiça e artigos de cortiça*. Banco de Fomento Nacional, Lisboa, p. 13.

SEQUEIRO, Cecília M.^a Alves e PIRES, Maria do Rosário Ramos (1989) - *Para uma breve análise da formação profissional no sector corticeiro*. Porto, Setembro.

SILVA, Eduarda - A indústria corticeira e o concelho da Moita, projecto de musealização da fábrica Soconquex.

"Suberav, a plataforma de cooperação da Fileira", *Diário Económico*, 25 de Fevereiro de 2003;

"Título Desconhecido", *Diário Económico*, 11 de Março de 2003.

Anexo 1

Inquérito

Modelo de inquérito utilizado para a realização do trabalho.

1. Caracterização da empresa

- 1.1. Nome da empresa _____
- 1.2. Localização _____
- 1.3. Ramo de actividade _____
- 1.4. Natureza jurídica _____
- 1.5. Origem do capital _____
- 1.6. Data de criação: _____
- 1.6. Breve história de criação da empresa _____
- 1.7. Data de implantação _____
- 1.8. Área ocupada _____
- 1.9. O estabelecimento faz parte duma empresa com mais do que um estabelecimento?
Sim _____ Não _____
- Em caso afirmativo onde está a sede? _____
- Tem filiais no estrangeiro? Se sim onde? _____

2. Actividades

- 2.1. Qual a técnica utilizada? Tradicional _____ Moderna? _____
- 2.2. O estabelecimento tem sofrido remodelação técnica?
Sim _____ Não _____ Quando _____
- Porquê? _____
- 2.3. Fabrico principal _____
- Outros fabricos importantes _____
- 2.5. Há carácter sazonal da produção? Sim _____ Não _____
- Em caso afirmativo, em que alturas do ano se verifica um período de ponta ou uma estação morta? _____
- O ritmo de produção está ligado a: _____
- Variação sazonal da procura? _____
- Disponibilidade de mão-de-obra? _____
- 2.6. Têm perspectivas de aumento da produção? Sim _____ Não _____ Qual a percentagem? _____
- Qual é o ponto óptimo da produção? _____

3. Fornecimento das matérias-primas

- 3.1. Principais matérias-primas recebidas? _____
- Qual a origem geográfica? _____
- Nacional? _____ Percentagem? _____
- Estrangeiro? _____ Qual o país? _____ Percentagem? _____
- 3.2. Tipo de energia utilizada? _____
- Fontes de energia? _____ Privada? _____ Pública? _____
- 3.3. Há problemas de poluição? Sim _____ Não _____
- Como são resolvidos? _____
- Quantidade de resíduos produzidos? _____
- Tipo de resíduos produzidos? _____
- Tem conhecimento da política ambiental vigente? _____
- Preenche o mapa de resíduos? _____

4. Mercado

4.1.

Produtos vendidos (de acordo com a importância)	Destino Geográfico				
	Local	Regional	Nacional	Internacional Países	Totais em toneladas

5. Os trabalhadores do estabelecimento

5.1 Efectivos _____ Dos quais mulheres? _____

5.2 Estrutura profissional do pessoal do estabelecimento

Categoria socioprofissional	Número
Quadros Superiores	
Administração	
Investigação	
Técnicos	
Quadros Médios	
Operários	
Qualificados	
Especializados	
Operários não especializados	
Pessoal de escritório	
Outros	

5.3. Onde os operários recebem formação profissional? _____

Grau de escolaridade exigido _____

5.4. Qual a idade mínima da mão-de-obra? _____

Qual a idade máxima dos operários do estabelecimento? _____

5.5. Origem geográfica da mão-de-obra? _____

6. O capital e o estabelecimento

6.1. Proveniência do capital?

Próprio _____ Por acções _____ Crédito Bancário _____ Outras origens _____

6.2. O dono é descendente de famílias industriais? _____

6.3. Qual a naturalidade do proprietário do estabelecimento? _____

7. Localização

7.1. Causas na altura da criação do estabelecimento (dos factores que se seguem seleccione os que são:

1. muito importantes; 2. razoavelmente importantes; 3. não importantes.):

a. Mercado de trabalho

- Possibilidade de recrutamento _____

- Qualificação profissional da mão-de-obra _____

- Nível de salários _____

- Clima social _____

b. Acessibilidade do sítio

- Para chegada de matérias-primas

- Para escoamento dos produtos acabados

c. Terrenos:

- Disponível _____

- Equipado _____

- Preço _____

d. Locais industriais vagos _____

e. Vantagens financeiras e fiscais _____

- Ajuda do estado _____

- Ajuda da autarquia local _____

- Supressão de taxas de impostos _____

f. Causas pessoais _____

g. Factores de aglomeração _____

- Tradição _____

- Meio industrial _____

- Iniciativas da autarquia _____

- Proximidade dos fornecedores _____

h. Outros factores _____

7.2. Situação actual:

As causas assinaladas são ainda válidas? Sim _____ Não _____

Encontra hoje inconvenientes no que respeita a:

- Superfície? _____ - Acessos? _____

7.3. A mudança de localização seria favorável à actividade? Em que sentido? _____

1. Inovação

8.1. Tipo de inovação _____

Produto _____

8.1.1. Novo produto dentro da gama produzida _____

8.1.2. Novo produto não produzido anteriormente _____

8.1.3. Melhoramento do produto existente _____

Processo de Fabricação _____

8.1.4. Pequenos melhoramentos _____

8.1.5. Actualização de equipamentos, dentro da gama existente _____

8.1.6. Modernização tecnológica com recursos a grandes investimentos _____

8.2. Tem algum projecto em cooperação com outras instituições? Sim _____ Não _____

Se sim:

Tipo	Finalidade	Localização
Universidade/instituição investigação		
Centro Tecnológico		
Outra. Qual?		

9. Perspectivas de Futuro

9.1. Nos próximos 12 meses tem previsto (assinalar 2 opções):

9.1.1. Modificar/melhorar formas de gestão _____

9.1.2. Investir/constituir departamentos de I&D _____

9.1.3. Adquirir máquinas e equipamentos _____

9.1.4. Modificar/melhorar/substituir produtos _____

9.1.5. Alterar os mercados de produtos _____

9.1.6. Melhorar a qualificação dos empregados _____

9.1.7. Aumentar o número dos empregados _____

9.2. Quais os maiores desafios/problemas a enfrentar nos próximos 12 meses _____

Nome e contacto da pessoa inquirida _____

Data de realização do inquérito ____ / ____ / 2003